



ANEXO B - TEXTOS E LEGENDAS EXPOGRÁFICAS
Exposição Permanente do Centro de Visitantes do PERP
Os rios que encontro vão seguindo comigo

NÚCLEO 1 - RIO DO PEIXE

Texto 1: Texto de abertura

Localização: P01

Os rios que encontro vão seguindo comigo

Seja bem-vindo à exposição **Os rios que encontro vão seguindo comigo**, uma jornada pela história e pela riqueza natural do **Parque Estadual do Rio do Peixe**. Neste espaço, apresentamos a força e a diversidade das águas, da fauna e da flora da região, mergulhando na dinâmica única do **Pantaninho Paulista**.

Convidamos você a conhecer os projetos de restauração ecológica e de conservação da biodiversidade realizados pelo parque, os quais visam restaurar habitats naturais, promover a recomposição da vegetação nativa e garantir a preservação de espécies ameaçadas, contribuindo diretamente para o fortalecimento da biodiversidade paulista e para a mitigação dos impactos ambientais causados pela urbanização e pelo uso inadequado dos recursos naturais.

A partir de agora, você seguirá o fluxo dessa exposição, **conectando história e natureza** de uma maneira que só o Parque Estadual do Rio do Peixe pode oferecer.

Que os conhecimentos aprendidos neste espaço sigam com você, sempre em movimento, assim como o próprio rio.

Ficha Técnica

Localização: P08

Governo do Estado de São Paulo

Tarcísio de Freitas

Governador do Estado de São Paulo

Natália Resende

Secretaria do Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística

Anderson Márcio de Oliveira

Secretário Executivo

Jônatas Souza da Trindade

Subsecretário de Meio Ambiente

Mario Mantovani

Presidente da Fundação Florestal

Rodrigo Levkovicz

Diretor da Fundação Florestal

Lucila Manzatti

Diretora Metropolitana e Interior

Natália Poiani Henriques

Gerente Regional

Jeferson Bolzan

Gestor do Parque Estadual do Rio do Peixe

Projeto Expositivo

“Os rios que encontro vão seguindo comigo”

Idealização e Proponente

Fundação Florestal/ Diretoria Metropolitana e Interior

Coordenação Geral

Jessie Palma, Natália Poiani Henriques e Jeferson Bolzan

Gestão Administrativa Financeira

Marina Valério

Assessoria de Comunicação

Nino Dastre

Gestão de Conteúdos/textos e imagens

Natália Poiani Henriques e Jeferson Bolzan

Mapas Unidades de Conservação e Parque Estadual do Rio do Peixe

Angélica Barradas

Fotos

Jeferson Bolzan, Natália Poiani Henriques, Nelson Antônio Gallo, Luiz Carlos Ramassotti, Miguel José Rangel Júnior, Peter Mix

Colaboradores

Amanda Rodrigues Correa

Dayana Gaubiatti

Evandro da Silva

Gabriel Henrique de Campos

Hélio Cardoso da Silva
Hélio Henrique da Silva Gonçalves
Jean Carlos dos Santos
João Ricardo Urdiales
Kayky Pablo da Silva Santos
Paulo César Teixeira
Tiago Carlos Pantarotto
Wilson Gomes da Silva

Projeto Expográfico
Pantheon Patrimônio e Cultura
Guilherme Rambo Furman
Gabriela Mincarone
Juliana Sabreda

Agradecimentos
Diego Amorim Grola
Acervo IPA- Geológico
Equipe da Fundação Florestal
E a todos que contribuíram para que o projeto viesse a ser efetivado.

Texto 2: Poema “O rio”

Localização: P03

O rio

*Os rios que eu encontro
vão seguindo comigo.
Rios são de água pouca,
em que a água sempre está por um fio.
Cortados no verão
que faz secar todos os rios.
Rios todos com nome
e que abraço como a amigos.
Uns com nome de gente,
outros com nome de bicho,
uns com nome de santo,
muitos só com apelido.
Mas todos como a gente
que por aqui tenho visto:
a gente cuja vida
se interrompe quando os rios.*

João Cabral de Melo Neto

Texto 3: CGG

Localização: P04

Comissão Geográfica e Geológica

Em março de 1886 foi instituída a **Comissão Geográfica e Geológica (CGG)** pelo governo de São Paulo, vinculada à Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Através dela foram realizadas várias expedições exploratórias que tinham como finalidade o **reconhecimento da região oeste do estado de São Paulo**, uma parte do território paulista totalmente desconhecida até a primeira década do século XX.

Colaboraram na Comissão **pesquisadores e naturalistas** famosos como Albert Loefgren, Antonio A. Lallemant, Antonio Lacerda, Axel Frick, Eugenio Hussack, Francisco de Paula Oliveira, João Frederico Washington de Aguiar, Luiz Felipe Gonzaga de Campos, Orville Adelbert Derby e Theodoro Sampaio.

Os documentos produzidos pela CGG foram reunidos em **relatórios**, formando um vasto **inventário das riquezas naturais paulistas**. Extinta em 1931, a CGG **deu origem a diversos centros científicos e museus** de São Paulo, como o Instituto Geológico, Instituto de Botânica, Instituto Florestal, Instituto Geográfico e Cartográfico, Centro Tecnológico de Hidráulica e Recursos Hídricos, Museu Paulista, Museu de Zoologia, Museu de Arqueologia e Etnologia e Instituto Astronômico e Geofísico.

Texto 4: Expedição do Rio do Peixe

Localização: P06

A expedição do rio do Peixe

Entre as expedições promovidas pela Comissão Geográfica e Geológica, algumas foram para reconhecimento do curso dos quatro principais rios da região oeste do estado de São Paulo: **Feio, Peixe, Tietê e Paraná**. A primeira expedição para o Rio do Peixe, chefiada por João P. Cardoso, partiu da cidade de São Paulo no dia 21 de maio de 1905 e percorreu alguns trechos do rio.

Uma nova expedição teve **início em 13 de junho de 1906**. Saindo da Estação de Manduri, foram traçadas as coordenadas geográficas para que o grupo se direcionasse para algumas vilas e fazendas, abrindo picadas para atingir o rio do Peixe em um ponto favorável à navegação. A expedição **findou-se em 4 de outubro de 1906**, quando a equipe chegou à barra do rio Tigre, no rio Paraná, verificando que os dois eram o mesmo rio.

Texto 5: Relatos da Expedição

Localização: P07

Relatos da expedição

As incursões pelo rio do Peixe tiveram muitos desafios, como a abertura dos caminhos, a condução por encostas, a construção das embarcações, a alimentação escassa, além de possíveis ataques dos indígenas. Apesar das dificuldades, a equipe alcançou com sucesso seus objetivos e reuniu dados preciosos sobre a região, contribuindo para o conhecimento detalhado da bacia hidrográfica do extremo sertão do estado.

Indígenas

Segundo relatos, o povo “*Kaigang*”, “*Coroados*”, viviam às margens do rio, pela facilidade da caça e da pesca. A expedição enfrentou ataques duas vezes:

“*Da primeira vez conseguimos sair ilesos do rápido ataque que nos deram, o que infelizmente não sucedeu no segundo, em que foram feridos por flechas quatro dos nossos camaradas*”.

Fonte: Relatório da Exploração do rio do Peixe, CGG, 1913.

Animais

Os relatos deixam clara a abundância de determinadas espécies da fauna:

“*Na descida do rio, continuamente se viam entrelaçar entre as canoas porções de antas, capivaras, ariranhas, lontras, etc*”.

“*Quanto aos peixes, era tal a sua quantidade, que cinco minutos depois de chegarmos ao pouso, já estavam pescados o suficiente para a nossa refeição do dia*”.

Fonte: Relatório da Exploração do rio do Peixe, CGG, 1913.

Insetos

Em se tratando dos insetos, encontram-se anotações sobre o grande número de **abelhas silvestres**, “*sobressaindo entre elas a Mombuca, que existe em grande quantidade em toda a região sertaneja; são elas tão ávidas de suor que há ocasiões de se ficar com as mãos, rosto e roupa inteiramente cobertos por elas*”.

Fonte: Relatório da Exploração do rio do Peixe, CGG, 1913.

Vegetação

Em relação à vegetação, os exploradores fizeram muitas anotações como a que segue:

“*Desde a meia encosta do vale do Paranapanema, onde acaba a região dos campos, até o*

*alto da serra, ela é composta de um **cerrado** que, baixo na divisa dos campos, vai gradualmente se levantando até constituir uma mata frondosa, que dobra a serra e entra pelo vale do Peixe até a região dos saltos”.*

Fonte: Relatório da Exploração do rio do Peixe, CGG, 1913.

Texto 6: Por que o rio do Peixe é marrom?

Localização: P05

Por que o rio do Peixe é marrom?

As águas do rio do Peixe apresentam uma coloração marrom, escura e barrenta, devido à grande quantidade de **sedimentos transportados**, como **partículas de solo e rochas**.

Ele é um rio meandrante, ou seja, possui **curvas acentuadas** e um canal que muda constantemente de posição ao longo dos anos devido ao processo contínuo de **erosão** e **deposição de sedimentos**, o que favorece a formação de bancos de areia.

Além disso, a **variação do nível da água** também influencia na sua **coloração**. Durante a seca, a matéria orgânica se acumula no solo e, na cheia, é carregada para o rio, enriquecendo suas águas.

Texto: apoio Amanda/BK.

NÚCLEO 2 - PARQUE ESTADUAL DO RIO DO PEIXE

Texto 7: Localização do PERP

Localização: P09-1

Onde se localiza o Parque Estadual do Rio do Peixe?

O Parque Estadual do Rio do Peixe (PERP) situa-se no oeste do estado de São Paulo e ocupa parte dos municípios de **Ouro Verde, Dracena, Presidente Venceslau e Piquerobi**, que juntos somam mais de **90 mil habitantes**.

O principal acesso ao parque ocorre pela rodovia SP-563 (Integração), que se conecta às principais cidades da região por meio das rodovias SP-300 (Marechal Rondon), SP-294 (Comandante João Ribeiro de Barros) e SP-270 (Raposo Tavares).

A distância entre a capital do estado e o parque é de aproximadamente **660 km**.

Texto 8: A criação do PERP

Localização: P10-1

A criação do PERP

O Parque Estadual do Rio do Peixe (PERP) foi instituído pelo **Decreto Estadual nº 47.095**, de 18 de setembro de 2002, compreendendo uma área de **7.720 hectares**. Esta unidade de conservação resulta de medida compensatória implementada pela Companhia Energética de São Paulo (CESP), em decorrência da construção da Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Motta, em Porto Primavera.

Texto 9: A importância regional do PERP

Localização: P11-1

A importância regional do PERP

O PERP protege um trecho de aproximadamente **49 quilômetros** do rio do Peixe, desempenhando papel crucial na preservação dos últimos remanescentes de ecossistemas de várzea que predominavam nos rios paulistas afluentes do Paraná. Com características ecológicas similares às do Pantanal, essa área é conhecida como **“Pantaninho Paulista”** e se destaca por sua notável **biodiversidade**, particularmente pela facilidade de observação de espécies faunísticas, com ênfase nas **aves aquáticas e migratórias**.

Texto 10: Fundação Florestal

Localização: P13

A Fundação Florestal

A Fundação Florestal, instituição vinculada à Secretaria de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística do Estado de São Paulo (Semil), foi criada em 1987. Sua principal atribuição é a gestão - administrativa, territorial e técnica - das **Áreas Protegidas** do estado, conhecidas como **Unidades de Conservação (UCs)**.

Essas Áreas Protegidas compreendem territórios terrestres e marítimos de extrema relevância, pois abrigam atributos naturais e culturais fundamentais. Sua existência viabiliza a **preservação ambiental, a conservação ecológica e o uso sustentável dos recursos naturais**, desempenhando, portanto, papel essencial na manutenção da diversidade biológica.

UCs de Proteção Integral:

- Estação Ecológica [EE]
- **Parque Estadual [PE]**
- Monumento Natural [Mona]
- Refúgio de Vida Silvestre [RVS]

UCs de Uso Sustentável:

- Área de Proteção Ambiental [APA]
- Área de Relevante Interesse Ecológico [ARIE]
- Floresta Estaduais [FE]
- Reserva Extrativistas [Resex]
- Reserva de Desenvolvimento Sustentável [RDS].

Texto 11: Tuiuiú

Localização: P14

Você conhece o animal que representa o Parque Estadual do Rio do Peixe?

O tuiuiú, a ave na logomarca do parque, também é chamado de Jaburu, Tuim-de-papo-vermelho (no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), Cauauá (no Amazonas) e Jabiru (no sul do Brasil), pertence à família *Ciconiidae*.

Seu nome científico, *Jabiru mycteria*, vem do tupi *yabi'ru* (pescoço inchado, muito grande) e do grego *mukter* (focinho, nariz, bico), significando "ave com nariz muito grande e pescoço

inchado". Símbolo do Pantanal, é a maior ave voadora da região e uma das maiores da América do Sul.

Texto 11.1: Tuiuiú (características)

Localização: P12

Tuiuiú

peso - até 8kg

altura - até 1,60 metros

envergadura - Quase 3 metro

bico - 30 cm

Texto 11.2: Tuiuiú (você sabia + alimentação)

Localização: P15

Você sabia?

O tuiuiú é uma cegonha. Portanto, ele voa com o pescoço e as pernas esticados, diferentemente das garças, que mantêm o pescoço encolhido em voo.

Alimentação

Sua alimentação inclui peixes, moluscos, répteis, insetos e pequenos mamíferos. Também consome pescado morto, ajudando a evitar a putrefação de peixes que morrem por falta de oxigênio na seca.

Texto 11.3: Tuiuiú (reprodução)

Localização: P16

Reprodução

Os ninhos do tuiuiú são as maiores estruturas construídas por aves no Pantanal.

Localizam-se nas árvores mais altas, tanto nos capões dispersos pelo campo quanto na mata ribeirinha, e são reutilizados anualmente com acréscimo de material. Assim, podem atingir, em média, 1,85 m de diâmetro e 70 cm de altura.

Construídos com galhos grossos na parte externa, são forrados internamente com capins e plantas aquáticas para a postura de quatro ovos (raramente cinco), que são incubados por 60 dias. Os filhotes deixam o ninho aos três meses e seguem os pais nas primeiras semanas de vida.

Fonte: Wiki Aves - Tuiuiú

Texto 12: Batuíra

Localização: P17

É possível encontrarmos pequenas aves como a Batuíra.

A mexeriqueira, também conhecida como batuíra-de-esporão, é uma pequena ave encontrada no PERP.

Sua aparência é marcante: possui uma faixa preta larga no rosto, que separa a coroa branca do pescoço, também branco. No topo da coroa, há uma faixa estreita cinza. A faixa preta do rosto se conecta a um colar preto que cobre todo o peito, enquanto a barriga é branca. As asas são cinza com penas primárias pretas, os pés são vermelhos e os olhos apresentam um anel vermelho ao redor.

Texto 12.1: Batuíra (características)

Localização: P18

Características

Suas asas têm 23 cm de envergadura.

A batuíra vive solitária ou em pequenos grupos.

Alimentação

Costuma buscar alimentos próximos à água, enterrando seu bico na areia ou na lama, em busca de pequenas presas.

Reprodução

A fêmea deposita de 2 a 3 ovos amarelos-esverdeados com manchas marrons-escuas diretamente na areia, cobrindo-os em seguida para protegê-los.

NÚCLEO 3 - CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

Texto 13: Fauna do Parque

Localização: P19

Fauna do Parque

Levantamentos efetuados no Parque Estadual do Rio do Peixe revelam a presença de uma grande diversidade de espécies. Estima-se a presença de aproximadamente 400 espécies de vertebrados, dos quais a maioria são aves, as outras são mamíferos, anfíbios, répteis e peixes. Mais de 40 dessas espécies figuram na lista de ameaçados de extinção. Veja alguns animais vertebrados ameaçados encontrados no PERP:

Conforme a IUCN - União Internacional para Conservação da Natureza e Recursos Naturais, as espécies ameaçadas estão inseridas nas seguintes categorias:

EX = Extinto; EW = Extinto na natureza; CR = Criticamente em perigo; EN = Em perigo; VU = Vulnerável; NT = Quase ameaçado; LC = Pouco preocupante; DD = Dados insuficientes; NE = Não avaliado.

Mamíferos

Cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*) - CR

Bugio-preto (*Alouatta caraya*) - EN

Anta (*Tapirus terrestris*) - EN

Onça-parda (*Puma concolor*) - VU

Jaguatirica (*Leopardus pardalis*) - VU

Lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) - VU

Tamanduá-bandeira (*Mymercophaga trydactyla*) - VU

Gato-mourisco (*Herpailurus yagouaroundi*) - VU

Aves

Anhuma (*Anhima cornuta*) - CR

Mutum-de-penacho (*Crax fasciolata*) - CR

Maguari (*Ciconia maguari*) - CR

Gavião-do-banhado (*Circus buffoni*) - CR

Batuíra-de-esporão (*Vanellus cayanus*) - CR

Arara-canindé (*Ara ararauna*) - CR

Papagaio-galego (*Alipiopsitta xanthops*) - CR

Répteis

Jacaré-paguá (*Paleosuchus palpebrosus*) - EN

Sucuri-verde (*Eunectes murinus*) - DD

Peixes

Pintado (*Pseudoplatystoma coruscans*) - VU

Texto 14: Anhuma

Localização: P33-1

[LADO 1]

Anhuma (*Anhima cornuta*)

Seu nome deriva da palavra tupi “nhäum”, que significa “Ave Preta”.

A ave pode medir até **170 cm de envergadura**, possui um espículo cárneo (cartilagem semelhante a um chifre), que é descrito em seu nome científico: *Anhima cornuta*, **pássaro preto gritador com chifre**.

[LADO 2]

Curiosidade

A Anhuma possui um canto profundo e melodioso, “ha-moo-co,” que pode ser ouvido a longa distância e geralmente é **entoado em dueto**.

Texto 15: Mutum-de-penacho

Localização: P33-2

[LADO 1]

Mutum-de-penacho (*Crax fasciolata*)

É uma ave que tem aproximadamente **80 cm de comprimento**.

O **macho** é preto com a barriga branca; a **fêmea** tem plumagem preta listrada de branco, cabeça e pescoço pretos, peito, canela e barriga beges.

Vivem em pares ou pequenos grupos e são comumente avistados nas praias do rio do Peixe.

[LADO 2]
Curiosidade

Constroem ninhos nas árvores com ramos e folhas, sendo essa uma atividade **compartilhada pelo casal**. Contudo, só a fêmea incuba os ovos por aproximadamente 30 dias.

Texto 16: Jacaré-do-papo-amarelo

Localização: P34-1

[LADO 1]
Jacaré-do-papo-amarelo (*Caiman latirostris*)

O Jacaré-de-papo-amarelo está presente do nordeste ao sul do Brasil, que concentra **70% da ocorrência global** dessa espécie.

A expansão urbana, o desmatamento, o uso intensivo de agrotóxicos e a caça para comércio ilegal do consumo de sua carne são fatores que ameaçam sua sobrevivência.

[LADO 2]
Curiosidade

O jacaré-de-papo-amarelo possui cerca de 2 metros de comprimento, podendo chegar a 3,5 metros. Seu ciclo de vida é longo, podendo ultrapassar **70 anos**.

Texto 17: Sucuri

Localização: P34-2

[LADO 1]
Sucuri (*Eunectes murinus*)

A Sucuri está presente em toda a extensão do Brasil, exceto no Pampa Gaúcho.

Sua coloração é de fácil identificação: **verde oliva escuro no dorso, mudando gradualmente para amarelo no ventre**. Possui manchas dorsais redondas na cor marrom com bordas pretas.

[LADO 2]
Curiosidade

As sucuris têm **habitos semiaquáticos** e são geralmente encontradas em rios, brejos e pântanos com água rasa e vegetação densa. São excelentes nadadoras, mas, em terra firme, seu deslocamento é bem mais lento.

Esses animais podem atingir **até 9 m de comprimento**, e a fêmea pode apresentar até o dobro do tamanho do macho.

Texto 18: Pintado

Localização: P35-1

[LADO 1]

Pintado (*Pseudoplatystoma corruscans*)

O peixe Pintado, também conhecido como **Surubim** ou **Muleque**, está amplamente presente nas bacias hidrográficas do país.

Estudiosos apontam que as razões para o seu sumiço podem ser as construções de barragens, hibridização da espécie, poluição das águas com agrotóxicos e pesca predatória.

[LADO 2]

Curiosidade

É uma espécie migratória, ou seja, desloca-se longas distâncias conforme sua necessidade - reprodução, alimentação ou refúgio.

O pintado é um predador carnívoro com preferência por peixes, de hábitos noturnos. Sua dieta é bastante diversificada, incluindo cerca de **30 espécies** diferentes.

Texto 19: Arraia-de-fogo

Localização: P35-2

[LADO 1]

Arraia-de-fogo (*Potamotrygon motoro*)

A arraia-de-fogo é um peixe que habita as águas do rio do Peixe. Apresenta uma **estrutura corporal sem ossos**, feita completamente de cartilagem, assim como os tubarões. Sua alimentação conta com **pequenos peixes, moluscos e crustáceos**.

[LADO 2]

Curiosidade

A arraia-de-fogo possui um ferrão localizado na cauda, composto de dentina, o mesmo material dos dentes humanos, e está associado a **glândulas de veneno**. Ele contém substâncias químicas que causam dor intensa e rápida degeneração dos tecidos (necrose).

Texto 20: Onça parda

Localização: P36-1

[LADO 1]

Onça-parda (*Puma concolor*)

A onça-parda é o **segundo maior felino das Américas**, atrás apenas da onça-pintada. Seu corpo é esguio e musculoso, com pelagem curta e densa, que varia do marrom-acinzentado claro ao marrom-avermelhado, com manchas mais claras na parte inferior.

Um adulto pode medir entre **1,5 e 2,75 metros de comprimento total e pesar de 22 a 70 quilos**.

[LADO 2]

Curiosidade

Diferentemente de outros grandes felinos, a onça-parda não ruge, mas emite sons que vão de **miados a gritos**.

Sua alimentação inclui **presas de portes diversos**, como cervos e capivaras, assim como porcos-do-mato, pacas, cutias e coelhos.

Texto 21: Anta

Localização: P36-2

[LADO 1]

Anta (*Tapirus terrestris*)

A anta habita áreas florestais e próximas a rios. O Brasil **perdeu 30% de sua cobertura vegetal** nas últimas três décadas, o que levou ao desaparecimento da espécie em algumas regiões.

O animal mede cerca de 2 metros de comprimento e pesa cerca de **300 quilos** e se alimenta principalmente de frutos e plantas.

[LADO 2]

Curiosidade

A Anta desempenha um papel crucial na **dispersão de sementes**, já que, ao consumir os frutos, elimina as sementes intactas ao longo de seu caminho, contribuindo para a **regeneração das florestas**. É também uma habilidosa **nadadora**.

Texto 22: Cervo-do-Pantanal

Localização: P20

Cervo-do-Pantanal

O **Cervo-do-Pantanal** (*Blastocerus dichotomus*) é uma espécie de grande importância para a região, pois habita as áreas de várzea próximas aos rios, ambiente característico do Parque Estadual Rio do Peixe e do Parque Estadual do Aguapeí. Classificado como **criticamente em perigo**, o animal sofre principalmente com a redução de seu habitat natural. Pesquisadores alertam que a **diminuição das chuvas** e a **interferência humana** nos rios e nas suas margens podem reduzir sua população em cerca de **30% nas próximas três gerações**, o equivalente a aproximadamente 18 anos. Herbívoro, o cervo alimenta-se de plantas e brotos, com estudos indicando que suas preferências alimentares variam conforme o período, alternando entre espécies consumidas na cheia e na seca.

Texto 23: Monitoramento da biodiversidade

Localização: P22

O monitoramento da biodiversidade

O **Programa de Monitoramento de Biodiversidade de São Paulo (MonitoraBioSP)** é um projeto criado em conjunto com a Secretaria de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística (Semil) com o objetivo de observar a **situação ambiental** das **Unidades de Conservação (UCs)** geridas pela Fundação Florestal.

Racionalidade: a espécie apresenta sensibilidade às mudanças ambientais;

Desempenho: que seja possível aplicar em larga escala com diferentes situações, biomas diferentes, por exemplo;

Implantação: de fácil aplicabilidade e economicamente viável;

Modularidade: ser possível implementar gradativamente.

Até o ano de 2025, os subgrupos de espécies monitorados no Parque Estadual do Rio do Peixe foram as borboletas, os primatas e os grandes mamíferos.

Abra as portinhas e descubra alguns dos animais que são monitorados.

Texto 24: Monitoramento de Borboletas

Localização: P26

O monitoramento de borboletas

O trabalho visa identificar a diversidade de tribos de borboletas frugívoras na unidade de conservação, monitorando três trilhas com diferentes estágios de vegetação:

- fragmento florestal remanescente
- restauração ecológica e
- regeneração natural

A captura das borboletas se dá por meio da instalação de armadilhas Van Someren-Rydon (VSR), entre os meses de março e abril.

Atraídas por iscas fermentadas, as borboletas depois de identificadas, marcadas e fotografadas por um guia especializado, são soltas na natureza.

Em 2024, mais de 350 indivíduos de 8 tribos e 19 espécies foram registrados.

Texto 25: Porque monitorar borboletas?

Localização: P23

Por que monitorar borboletas frugívoras?

A comunidade de borboletas frugívoras é **bioindicadora da qualidade do ambiente**. As borboletas são sensíveis a perturbações ecológicas e apresentam facilidade no processo de amostragem, tornando-se um grupo ideal para esse tipo de análise. Fatores como a estrutura da vegetação, a conectividade entre habitats, a temperatura e a sazonalidade influenciam diretamente a composição dessas comunidades, auxiliando na avaliação das condições ambientais.

Conheça, do outro lado do painel, algumas das espécies mais encontradas no monitoramento.

Texto 26: Monitoramento de Primatas

Localização: P27

O monitoramento de primatas

O levantamento de primatas segue os parâmetros do Programa MonitoraBioSP, que recomenda a utilização de trilhas retilíneas, com caminhadas lentas e em duplas, para observação dos animais.

As distâncias dos avistamentos são medidas e registradas, e os animais fotografados. O monitoramento ocorre entre abril e setembro, durante a estação seca.

Em 2024, foram percorridos 101 km de trilhas, com o registro de 37 macacos-pregos e 6 bugios, principalmente entre 8h e 11h, com destaque para a Trilha da Capivara, próxima ao rio.

Texto 27: Monitoramento de Mamíferos

Localização: P28

O monitoramento de mamíferos terrestres de médio e grande porte

O monitoramento é fundamental para entender padrões ecológicos, orientar ações de conservação da fauna e avaliar os impactos humanos e climáticos. Em unidades de conservação, são amostrados de 20 a 40 sítios divididos em dois blocos, com armadilhas fotográficas instaladas entre abril e setembro.

As armadilhas ficam ativas por 60 dias em cada bloco. As imagens são analisadas pela plataforma Wildlife Insights, para uma identificação preliminar validada por especialistas. No PERP, foram registradas espécies como onça-parda, anta, cervo-do-pantanal, lobo-guará e tamanduá-bandeira.

NÚCLEO 4 - RESTAURAÇÃO ECOLÓGICA

Texto 28: Bioma

Localização: P24

Você sabe o que é um bioma?

Um bioma é uma grande área geográfica com **clima, solo, vegetação e fauna** semelhantes. Reúne **ecossistemas interligados**, moldados por processos históricos comuns. Essa combinação gera uma diversidade única de seres vivos.

Fonte: educa.ibge.gov.br

Qual é o bioma do PERP?

O PERP contribui significativamente para a conservação dos poucos remanescentes do **bioma mata atlântica** no interior de São Paulo. O parque representa uma amostra dos antigos **varjões paulistas**, que predominavam na confluência de grandes rios. No seu interior, as lagoas marginais, permanentes ou temporárias, são cruciais na reprodução de peixes e como habitat para diversas espécies da fauna. O local é um dos últimos habitats do **cervo-do-pantanal**, considerado criticamente ameaçado na fauna de São Paulo, reforçando a importância ecológica do parque.

Texto 29: Tipos de vegetação do PERP

Localização: P25

Tipo de vegetação encontrado no PERP

No PERP, a principal formação vegetal é a **Floresta Estacional Semidecidual**, característica do bioma mata atlântica. Levantamentos realizados identificaram a existência de 156 espécies vegetais no parque, o que evidencia a diversidade e a riqueza da flora local.

- 111 de porte arbóreo;
- 29 arbustivas;
- 16 distribuídas entre herbáceas, epífitas e lianas.

Texto 30: Restauração Ecológica

Localização: P32

Restauração Ecológica

Grandes áreas do parque encontravam-se degradadas, consequências das atividades pecuárias anteriores à criação da Unidade de Conservação. Por isso, o plano de manejo prevê a conversão dessas pastagens em áreas com **espécies nativas**.

Uma das iniciativas de restauração ecológica do parque é realizada no âmbito do **“Programa Refloresta-SP”**, que tem como um de seus objetivos a recuperação de áreas degradadas e é financiado com recursos do **Fundo Estadual de Prevenção e Controle da Poluição (Fecop)**. O projeto é uma iniciativa conjunta da Fundação Florestal, da Coordenadoria de Fiscalização e Biodiversidade (CFB) e do Instituto de Pesquisas Ambientais (IPA).

As atividades de restauração iniciaram em outubro de 2022, abrangendo uma área de plantio de **142,9 hectares** em uma porção do parque localizada no município de **Ouro Verde**.

Texto 31: Desafios e estratégias de restauração

Localização: P31

Desafios e Estratégias de Restauração

O processo de restauração consiste em recuperar um ecossistema degradado. Envolve sua reconstrução gradual, resgatando biodiversidade, função ecológica e sustentabilidade ao longo do tempo. No plantio, são priorizadas espécies de crescimento rápido, com boa capacidade de competição com as gramíneas exóticas e copas amplas e densas, que inibem o crescimento dos capins e promovem a rápida estruturação do dossel.

Para definir o conjunto de espécies a serem utilizadas, foram levantadas as ocorrências de espécies arbóreas nativas da UC. São selecionadas de acordo com suas características e comportamento em plantios, garantindo a escolha das mais adequadas para o sucesso da restauração.

Texto 32: Operações de manutenção do plantio

Localização: P37

Operações de manutenção do plantio

A manutenção após o plantio visa garantir o desenvolvimento das mudas e a formação da comunidade em restauração. Mudas que morrerem por causas ambientais, pragas ou predação devem ser substituídas, preferencialmente pela mesma espécie. Em caso de mortalidade recorrente, outra espécie poderá ser usada. O replantio deve ocorrer em até 60 dias após o plantio inicial. A taxa máxima de mortalidade permitida é de 10%.

Texto 33: Árvores da restauração ecológica

Localização: P38

Quais árvores estão sendo plantadas na restauração ecológica?

Importante destacar que as espécies utilizadas nos projetos de restauração ecológica são espécies nativas, entre elas:

- Angico
- Aroeira-pimenteira
- Açoita-cavalo
- Camboatá
- Canafistula
- Canelinha
- Canudo-de-pito
- Capitão-do-campo
- Cedro
- Dedaleiro
- Embaúba
- Farinha-seca
- Figueira
- Ingá
- Ipê-branco
- Ipê-amarelo
- Ipê-roxo-bola
- Jacarandá-do-campo
- Jatobá
- Jatobá-da-mata
- Jerivá

- Mamica-de-porca
- Marinheiro
- Mutamba
- Paineira
- Pau-d'alho
- Pau-formiga
- Peito-de-pomba
- Sangra-d'água

Conheça algumas delas ao lado.

Texto 34: Sangra-d'água

Localização: P39-1

Sangra-d'água

(*Croton urucurana*)

Família: Euphorbiaceae.

Altura: 8 a 16 metros.

Distribuição Geográfica: Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul até o Rio Grande do Sul.

Curiosidade: O nome “Sangra-d'água” vem da seiva que, ao entrar em contato com o ar, torna-se resinosa e vermelha como sangue.

Texto 35: Pau-formiga

Localização: P39-2

Pau-formiga

(*Triplaris americana*)

Família: Polygonaceae.

Altura: 10 a 20 metros.

Distribuição Geográfica: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e oeste de São Paulo.

Curiosidade: No interior de seu tronco oco, vivem formigas, razão de seu nome popular.

Texto 36: Mutamba

Localização: P39-3

Mutamba

(*Guazuma ulmifolia*)

Família: Malvaceae

Altura: 8 a 16 metros.

Distribuição Geográfica: Desde a Amazônia até o Paraná.

Curiosidade: Os frutos são muito apreciados por macacos e o extrato do caule pode ser utilizado na produção de rapadura como agente de clarificação do caldo de cana.

Texto 37: Ipê-branco

Localização: P39-4

Ipê-branco

(*Tabebuia roseoalba*)

Família: Bignoniaceae

Altura: 7 a 16 metros.

Distribuição Geográfica: Norte de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Curiosidades: O nome, do Tupi “y” (água) + “pe” (na), pode se referir à boa durabilidade de sua madeira em locais úmidos ou sujeitos a inundações.

Texto 38: Embaúba

Localização: P39-5

Embaúba

(*Cecropia pachystachya*)

Família: Urticaceae.

Altura: 4 a 12 metros.

Distribuição Geográfica: Ceará, Bahia, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul até Santa Catarina.

Curiosidade: Suas folhas são muito apreciadas pelo bicho-preguiça e seus frutos por pássaros. Formigas vivem no tronco oco.

Texto 39: Dedaleiro

Localização: P40-1

Dedaleiro

(*Lafoensia pacari*)

Família: Lythraceae.

Altura: 5 a 25 metros.

Distribuição geográfica: Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul, até Santa Catarina.

Curiosidade: O intenso extrativismo das espécies medicinais e as do Cerrado, vêm inserindo essa espécie na categoria de vulnerável.

Texto 40: Cedro-Rosa

Localização: P40-2

Cedro-Rosa

(*Cedrela fissilis*)

Família: Meliaceae.

Altura: 8 a 35 metros.

Distribuição Geográfica: Todas regiões do Brasil.

Curiosidade: O nome Cedro vem do grego “*Kedros*”, que remete a “queimar, perfumar, purificar”, visto que o lenho é usado para perfumar ambientes.

Texto 41: Aroeira-Pimenteira

Localização: P40-3

Aroeira-Pimenteira

(*Schinus terebinthifolia*)

Família: Anacardiaceae.

Altura: 2 a 15 metros.

Distribuição Geográfica: Pernambuco até Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul.

Curiosidade: Pode causar alergia a algumas pessoas que entram em contato com suas folhas.

Texto 42: Angico

Localização: P40-4

Angico

(*Anadenanthera macrocarpa*)

Família: Fabaceae-Mimosoideae.

Altura: 8 a 30 metros.

Distribuição Geográfica: Bahia, Paraíba, Piauí, Espírito Santo, Pernambuco, São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Curiosidade: A casca da árvore é utilizada para a medicina tradicional e a resina retirada dela, é usada para produção de goma de mascar.

Texto 43: Açoita-cavalo

Localização: P40-5

Açoita-cavalo

(*Luehea divaricata*)

Família: Malvaceae.

Altura: até 30 metros.

Distribuição Geográfica: Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul até o Rio Grande do Sul.

Curiosidade: O nome Açoita-cavalo advém da flexibilidade dos galhos e do seu uso como chicote para animais.

Texto 44: Prevenção e combate a incêndios

Localização: P29

Prevenção e combate a incêndios

Os incêndios florestais representam uma das principais ameaças ao meio ambiente, causando sérios prejuízos à vegetação, à fauna, ao solo e aos recursos hídricos, além de impactarem o clima. Para enfrentar esse desafio, a Fundação Florestal adota diversas medidas, como o monitoramento constante e a detecção precoce de focos de incêndio, o manejo preventivo da vegetação, a capacitação de brigadistas e a promoção da educação ambiental. Essas ações visam garantir uma resposta rápida e eficaz, protegendo a biodiversidade e os recursos naturais.

Texto 45: Operação São Paulo Sem Fogo

Localização: P30

Operação São Paulo Sem Fogo

A Operação São Paulo Sem Fogo tem por objetivo prevenir e combater incêndios e queimadas nas regiões rurais e urbanas do estado. Realiza inúmeras atividades ao longo do ano, e é dividida em três fases:

Fase Verde: Dividida em duas etapas. A primeira, dedicada ao planejamento e início das medidas de prevenção e preparação. A segunda etapa é uma avaliação da temporada de incêndios.

Fase Amarela: Foco nas ações preventivas e de preparação para enfrentar os incêndios florestais. Realizam atividades de treinamento, capacitação, elaboração e revisão dos planos preventivos.

Fase Vermelha: O foco é no combate ao fogo e na fiscalização repressiva, ocorrem também estratégias de comunicação e campanhas preventivas.

NÚCLEO 5 - EXTRAS

Texto 46: Turismo sustentável

Localização: P41

Turismo Sustentável

No contexto do turismo sustentável, o **ecoturismo** propõe experiências educativas, conscientizando o visitante sobre a importância da preservação ambiental e, ao mesmo tempo, contribuindo para a proteção dos ecossistemas visitados. Dessa forma, o ecoturismo alia o contato com o meio ambiente à **responsabilidade** e ao **aprendizado**, reforçando a necessidade de conservação para as gerações futuras.

Boas práticas para ser um turista sustentável, confira aqui:

1. Respeite trilhas e zonas demarcadas;
2. Leve seu lixo de volta;
3. Evite a interação direta com a fauna;
4. Fogueiras e pesca são proibidas;
5. Folhas, flores e frutos devem permanecer na natureza;
6. Quanto mais silêncio, maior a chance de avistar animais;
7. Siga sempre as orientações da equipe do parque;
8. Por fim, tire muitas fotos, mas sempre com cuidado para não se colocar em situações de risco.

Boa visita ao Parque Estadual do Rio do Peixe.

CHAMADA EXTERNA

Texto 47: coruja-buraqueira

Localização: P42

Você viu esse bicho?

Coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*)

A coruja-buraqueira é uma ave de pequeno porte, possui olhos amarelos e plumagem de cor cinza terrosa. Consegue virar a cabeça em 270 graus e se alimenta de insetos e pequenos roedores. No período de reprodução, a fêmea coloca em média de seis a onze ovos.

Texto 48: Seriema

Localização: P43

Você viu esse bicho?

Seriema (*Cariama cristata*)

A seriema é uma ave típica do Cerrado brasileiro, seu nome deriva do tupi e significa “Crista Levantada”. A ave tem um canto marcante que pode ser ouvido no raio de 1km de distância. Quando ameaçada, corre, e pode alcançar uma velocidade de 50km/h antes de alçar voo.

Texto 49: Quero-quero

Localização: P44

Você viu esse bicho?

Quero-quero (*Vanellus chilensis*)

O quero-quero é uma ave tipicamente latinoamericana, presente em países como Argentina, Uruguai e Brasil. A ave tem um esporão ósseo pontudo de aproximadamente 1 cm que é utilizado para se defender dos inimigos e rivais. O quero-quero é uma ave territorial muito vigilante, dá alarme ao primeiro sinal de algum intruso em seus domínios e tem fama de briguento.

Texto 50: Arara-canindé

Localização: P45

Você viu esse bicho?

Arara-canindé (*Ara ararauna*):

É uma ave típica do cerrado brasileiro, também conhecida como arara-azul. É gregária e barulhenta, podendo viver em comunidades numerosas que alcançam até 30 indivíduos, vive em grupos pequenos ou mesmo em duplas de casais com crias. Fazem ninhos a cada dois anos em buracos que escavam nos troncos de árvores.

Texto 51: Curicaca

Localização: P46

Você viu esse bicho?

Curicaca (*Theristicus caudatus*)

A curicaca é uma ave de grande porte, cujo macho pode chegar a até 69 cm de comprimento e 43 cm de altura. Possui um bico em forma de colher ou foice e uma cauda curta. Alimenta-se de uma grande variedade de animais, desde artrópodes até pequenos roedores. Vivem em pequenos bandos e, à noite se abrigam em árvores.

Texto 52: Lagarto Teiú

Localização: P47

Você viu esse bicho?

Lagarto Teiú (*Salvator merianae*)

O teiú é o maior lagarto brasileiro. Pode atingir 2 m de comprimento, considerando o seu rabo. Come ovos de diversas espécies, insetos, aves, roedores, anfíbios, além de frutas e folhas. Sua língua é cor-de-rosa, comprida e bífida. Apesar de agressivo pode fugir se ameaçado. Colocam em média 30 ovos e são incubados por 90 dias.

LEGENDAS DO ACERVO

Localização: NÚCLEO 2/ ILHA 02 - M01

Crânio de Tuiuiú

Nome científico: *Jabiru mycteria*.

Réplica em tamanho real.

Crânio de Batuíra-de-esporão

Nome científico: *Vanellus cayanus*.

Réplica em tamanho real.

Crânio de Coruja-Buraqueira

Nome científico: *Athene cunicularia*.

Réplica em tamanho real.

Crânio de Arara-Canindé

Nome científico: *Ara ararauna*.

Réplica em tamanho real.

Localização: NÚCLEO 2/ ILHA 02 - M02

Pegada de Tuiuiú

Nome científico: *Jabiru mycteria*.

Réplica em tamanho real.

Pegada de Batuíra-de-esporão

Nome científico: *Vanellus cayanus*.

Réplica em tamanho real.

Pegada de Quero-quero

Nome científico: *Vanellus chilensi*.

Réplica em tamanho real.

Localização: NÚCLEO 3 / C04

Crânio de Onça-parda

Nome científico: *Puma concolor*.

Réplica em tamanho real.

Localização: NÚCLEO 3/ ILHA 04 - M04

Crânio de Jacaré-de-papo-amarelo

Nome científico: *Caiman latirostris*.

Réplica em tamanho real.

Crânio de Anta

Nome científico: *Tapirus terrestris*.

Réplica em tamanho real.

Crânio de Bugio

Nome científico: *Alouatta guariba*.

Réplica em tamanho real.

Crânio de Tamanduá-bandeira

Nome científico: *Myrmecophaga tridactyla*.

Réplica em tamanho real.

Crânio do Lobo-guará

Nome científico: *Chrysocyon brachyurus*.

Réplica em tamanho real.

Localização: NÚCLEO 3/ C07

Cabeça de Sucuri

Nome científico: *Eunectes murinus*.

Réplica em tamanho real.

Localização: NÚCLEO 3/ ILHA 04 - M03

Pegada de Anta

Nome científico: *Tapirus terrestris*.

Réplica em tamanho real.

Pegada de Onça-parda

Nome científico: *Puma concolor*.

Réplica em tamanho real.

Pegada de Tamanduá-bandeira

Nome científico: *Myrmecophaga tridactyla*.

Réplica em tamanho real.

Localização: NÚCLEO 3/ ILHA 04 - GAVETA M03 e M04

Pintado (Surubim)

Nome científico: *Pseudoplatystoma corruscans*.

Réplica em escala reduzida.

Arraia-de-fogo

Nome científico: *Potamotrygon motoro*.

Réplica em escala reduzida.

Localização: NÚCLEO 3/ ILHA 03 - C05

Pegada de Cervo-do-pantanal

Nome científico: *Blastocerus dichotomus*.

Réplica em tamanho real.

Localização: NÚCLEO 3/ ILHA 03

Armadilha Van Someren-Rydon (VSR)

Utilizada no monitoramento de borboletas no PERP.

Original.

Localização: NÚCLEO 3/ ILHA 03 - C06

Câmera de monitoramento

Utilizada no monitoramento de mamíferos no PERP.

Original.

FOLDER

PG.1

(Imagem do Tuiuiú)

Os rios que encontro vão seguindo comigo

PG.2

Venha visitar o Parque Estadual do Rio do Peixe e conhecer a exposição permanente.

Parque Estadual do Rio do Peixe (PERP)

Criado em 2002, o PERP protege **7.720 hectares** e cerca de **49 km do rio do Peixe**, preservando um dos últimos remanescentes dos ecossistemas de várzea dos rios paulistas afluentes do rio Paraná.

A exposição convida o visitante a explorar a história, a biodiversidade e a força das águas do Pantaninho Paulista, no Parque Estadual do Rio do Peixe (SP). A mostra reúne documentos históricos, espécies da fauna e flora local, réplicas, pegadas e projetos de conservação que revelam a importância desta unidade de conservação para o meio ambiente.

PG.3

Descubra a Vida Selvagem do Parque

A exposição apresenta espécies do Parque Estadual do Rio do Peixe, como o tuiuiú e animais ameaçados de extinção, além de réplicas, pegadas e projetos de monitoramento da fauna. Também destaca as plantas usadas na restauração ecológica e mostra como ações de conservação têm favorecido o retorno de diversas espécies ao parque.

Encante-se com este ecossistema único e sua importância para a biodiversidade.

PG.4

Uma Jornada Pelo rio do Peixe

A exposição tem como inspiração o poema *O rio*, de João Cabral de Melo Neto, que reflete sobre a conexão entre os rios e as pessoas.

*Os rios que eu encontro
vão seguindo comigo.
Rios são de água pouca,*

*em que a água sempre está por um fio.
Cortados no verão
que faz secar todos os rios.
Rios todos com nome
e que abraço como a amigos.
Uns com nome de gente,
outros com nome de bicho,
uns com nome de santo,
muitos só com apelido.
Mas todos como a gente
que por aqui tenho visto:
a gente cuja vida
se interrompe quando os rios.*

PG.5

A Fundação Florestal

Vinculada à Secretaria de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística de São Paulo (Semil), a Fundação Florestal é responsável pela gestão das Unidades de Conservação do estado. Criada em 1987, atua na preservação de áreas naturais e culturais, garantindo a proteção da biodiversidade e o uso sustentável dos recursos naturais.

 fflorestal.sp.gov.br

+55 11 3133-3000

Av. Professor Frederico Hermann Junior, 345 - Alto de Pinheiros, São Paulo - SP, CEP 05459-900

PG.6

Para agendamento de visitas em grupo, entre em contato:

(18) 99712 2650 | pe.riodopeixe@fflorestal.sp.gov.br

Rodovia General Euclides de Oliveira Figueiredo, km 111, Presidente Venceslau - SP, Brasil
(Logos)